

Como se diz "eu te amo"¹

(Missão e Espiritualidade nas Igrejas cristãs)

Marcelo Barros²

Na década de setenta, Woody Allen fez um filme chamado: "O Dorminhoco". Era uma parábola. Um homem sofria de uma enfermidade incurável. Para evitar que morresse, foi congelado e guardado num refrigerador até que a humanidade tivesse o remédio para aquela doença. No século XXIII, os cientistas descongelam o homem e o curam. Só que ele acorda, pensando que dormira oito horas. Percebe que usa roupas diferentes, fala uma língua antiquada e não conhece mais ninguém das pessoas que encontra na rua. Como acontece com quem passa anos numa prisão e de repente, têm de enfrentar o mundo de fora. Ou num mosteiro de clausura. Tenho uma amiga monja que, após trinta anos na clausura, teve de sair. Ela não sabia usar dinheiro porque não tinha critérios para comparar os preços.

Neste início do terceiro milênio, as Igrejas cristãs se dão conta de que o mundo mudou rapidamente demais e elas precisam se dar conta de que modos tradicionais de entender e realizar a missão não funcionam mais ou cada vez são menos adequados e não é também claro como viver a espiritualidade cristã neste contexto cultural novo. Contexto diferente para o mundo rico e para o mundo pobre, para quem vem de cultura ocidental da cristandade e também para quem mora na floresta amazônica. Em geral, as Igrejas se preocupam com a missão e a espiritualidade na ordem que eu acabei de elencar, primeiramente da missão, entendida como sua tarefa mais institucional e, em segundo lugar, da espiritualidade que todo mundo percebe que existe no mundo uma expectativa, um forte desejo místico e, ao qual, parece que as Igrejas não estão sabendo responder.

Se tivéssemos tempo, conversaríamos com calma sobre como cada um/ uma de vocês aqui percebe e vive isso. Alguém me perguntou se a gente não deveria trocar os termos. Primeiramente, a pessoa se converte, se apaixona por Deus e escuta o chamado do Cristo e, a partir de então, recebe a missão. Então, o nosso tema seria "Espiritualidade e Missão". A ordem dos fatores não altera o produto. É normal que como este encontro tem como tema central a Missão em vários níveis e dimensões, uma das sessões seja justamente a ligação da missão com a espiritualidade. A minha proposta é que tratemos este assunto, o mais possível, a partir do método latino-americano do "ver, julgar e agir".

1 – A realidade da missão na América Latina

¹ - Reflexão feita com a CONFERLIDER, encontro dos bispos, padres e missionários da Igreja Episcopal Anglicana em Embu Guaçu, 26 de julho de 2002.

² - Marcelo Barros, monge beneditino, autor de 26 livros, dos quais o mais recente é "O Espírito vem pelas Águas" (A crise mundial da Água e a Espiritualidade Ecumênica) Ed. CEBI- Rede. Fax: 062- 3721135. Email: mostecum@cultura.com.br

Para ver como anda a missão na realidade nossa, precisamos rapidamente nos colocar de acordo sobre o que entendemos por Missão e por espiritualidade. A razão é que o ver já depende do que entendemos por uma coisa e por outra. Conheço grupos que ao se perguntarem como anda a missão da Igreja e alguém responder: "o povo está cada vez mais pobre", ou "os lavradores continuam sem terra" iriam perguntar: "Mas, o que isso tem a ver com a missão?" Do mesmo modo, nunca iriam concordar comigo quando escrevi, há uma semana, que, em época de eleições, o ato mais espiritual que podemos fazer é votar eticamente e de modo correto. Então, temos de saber o que compreendemos por missão e por espiritualidade.

Para evitar longas discussões, vamos nos entender que, por missão, compreendemos o agir cristão decorrente do mandado de Jesus, ou seja, como ser Igreja a serviço dos outros. E a espiritualidade é a raiz disso. É o fato de que vivemos e agimos, conduzidos/as pelo Espírito de Deus.

Para cumprir nossa missão como cristãos na América Latina, é bom prestarmos atenção a três elementos que marcam a realidade do continente

- Transformações sócio-econômicas.

O fenômeno da tal globalização não é novo, mas tomou aspectos novos nas últimas décadas. A consequência disso é o aumento descomunal da pobreza e da injustiça. Com exceção da África, o continente latino-americano é a maior vítima dessa globocolonização. Diante disso, a Missão deveria retomar o seu caráter profético e não se deixar envolver pelo dogma do neoliberalismo.

- Mudanças psicológicas e culturais.

A situação psicológica do Continente é radicalmente diferente da que vivíamos há apenas 30 anos. Aqueles eram anos de vibração política, de renovação social, esperanças e militância revolucionária. Aqui na América Latina, a queda do Muro de Berlim coincidiu com a derrota do Sandinismo, a crise econômica de Cuba, antes apoiada pela União Soviética e a crise das comunidades eclesiais de base no Brasil. Um teólogo europeu expressou a esta situação com uma frase que, embora não possa ser aplicada tal qual à realidade latino-americana, expressa o sentimento de muitos: "a queda do Muro de Berlim indica o fim da política entendida como promessa de libertação e o fim da visão teológica da política. Nós nos encontramos diante do fim do messianismo político e religioso"³. Este fenômeno é cultural, mas é também psicológico. Parece que, na década de 90, na América Latina, a militância social e eclesial atravessa uma espécie de "depressão psicológica, ou de um "desfalecimento utópico"⁴.

³ - JOSÉ MARIA MARDONES, *Neoliberalismo y Religión*, Ed. Verbo Divino, Estella, 1998, p. 45.

⁴ - JOSÉ MARIA VIGIL, *Aunque es de noche. Hipotesis psicoteológicas sobre la hora espiritual de América Latina en los 90*, Envio, Manáguá, 1996, ed. brasileira pela Paulus.

O "pensamento único" dominante inculca a inviabilidade de toda e qualquer mudança, a impossibilidade de encontrar uma alternativa, o convencimento de que estamos no melhor dos mundos e assim por diante. Como neste contexto, anunciar a Boa Notícia, o projeto de Deus, a utopia do Reino, o sonho de Jesus e assim realizar a missão?

Quando Dom Pedro Casaldáliga recebeu o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Campinas, São Paulo, em outubro de 2000, ele falou da "Paixão pela Utopia". E disse que se trata de "uma paixão escandalosamente desatualizada, nesta hora de pragmatismos, de produtividade, de mercantilismo total, de pós-modernidade escancarada. Mas, essa paixão é a paixão da esperança e que, sendo a paixão de Deus, coincide com a melhor paixão da própria Humanidade, quando ela quer ser plenamente humana, autenticamente viva e definitivamente feliz". Neste mundo neo-liberal, esta "paixão pelo Reino" está expatriada e banida, como o próprio Evangelho. A missão cristã, sem acomodamentos nem adulterações, será sempre Utopia e Projeto, Paixão e Mística, luta e contemplação, compromisso e gratuidade.

- Mudanças na própria religiosidade

Não é de graça que, hoje, o tema mais tratado nas Igrejas históricas seja a questão da espiritualidade e da missão. Quase todas as Igrejas sentem que há certa crise de espiritualidade em nossos meios. O crescimento da urbanização, a hegemonia cultural neo-liberal e a revolução das comunicações mexeu muito na antiga cultura religiosa dos povos latino-americanos, criando uma nova sensibilidade religiosa ou espiritual com tendência a ser livre de qualquer instituição, mais baseada na emoção e na experiência sentimental do que no compromisso, muito livre com relação à moral, mais ligada ao cuidado com o próprio eu e sem repercussões nem sociais nem comunitárias. Os estudiosos do fenômeno religioso falam de uma verdadeira "metamorfose do sagrado"⁵. Estas mudanças de sensibilidade espiritual fazem com que o autor brasileiro mais vendido no mundo seja Paulo Coelho e em qualquer livraria a estante mais em vista é a dos livros esotéricos e espiritualistas. Nas Igrejas, a tradução ou o correspondente dessa onda mística individualista e emocional é certa espiritualidade neo-liberal, narcisista e descomprometida, hoje, presente em muitas Igrejas e que ou resulta no que se chama "religião de resultados" ou em um misticismo desencarnado e da dimensão profética, igualitária e laical da fé cristã.

- Mudanças teológicas

Há anos, o cardeal Ratzinger declarou que a Teologia da Libertação já não era problema. Já tinha desaparecido. Na década de 90, o problema passou a ser o relativismo da Teologia do Pluralismo religioso. Isso aparece até em uma coleção de estudos do CELAM⁶. Isso não corresponde à verdade já que

⁵ - J.MARTÍN VELASCO, *Metamorfosis de lo sagrado y futuro Del cristianismo*, Sal Terrae, Santander, 1998; ANDRES TORRES QUEIRUGA, *Somos los últimos cristianos... premodernos?*, *Questiões de vida cristiana* 190 (1998) 22-28.

⁶ - CELAM, *Fe y teología en América Latina*, Celam, colección "*Documentos Celam*" nº 148, Bogotá octubre 1997, pág 17

continuamos tendo uma excelente produção de teologia latino-americana partindo da realidade, com elementos novos como a Teologia Índia, Teologia Negra e Teologia Feminista latino-americana. E que a Teologia da Libertação esteja ou não em crise depende pouco do Vaticano pois sempre foi um movimento ecumênico e desde o começo contou com figuras evangélicas brilhantes como Richard Shaull, Rubem Alves, Mortimer Arias, Jaci Maraschin e tantos outros e outras de diversas Igrejas cristãs.

Por outro lado, quem de nós negaria que a teologia e a espiritualidade da libertação não tem hoje, em nossas Igrejas, a mesma força que tinha na década de 70? Na Igreja Católica, João Batista Libânio fala que com o atual pontificado ocorreu “uma volta à grande disciplina”. Mas, Julio de Santa Ana me disse que este processo ocorreu em várias Igrejas e no próprio Conselho Mundial de Igrejas, hoje, o impulso profético não é tão forte quanto era nos anos 70. Não creio que isso se deva a um pêndulo mágico da História e sim ao fato de que, no mais profundo de nós mesmos, somos filhos e filhas dessas mudanças sociais e culturais que sofremos.

2 – Por trás da Missão

Entremos na segunda parte de nossa conversa. Se a primeira foi um olhar sobre a realidade, nesta devemos destacar alguns elementos teológicos e de fé que nos ajudem a avaliar e a aprofundar os desafios antes levantados. Como cada parte dessas não pode ser desligada da outra e quando a gente olha, já olha a partir de certo ponto de vista, vou apenas aprofundar algumas questões já aludidas ou colocadas na primeira parte.

2. 1 – Quem envia

Quando a gente fala em missão ou envio, a primeira pergunta é quem envia. Dizendo de outro modo: a missão fala de Deus de qualquer modo, explícita e implicitamente. O modo de fazer a missão além do seu conteúdo testemunha quem é Deus, ou como nós o concebemos e que imagem passamos dele. No século XVI, muitos índios e negros aceitaram entrar na fé cristã pensando que era perigoso rejeitar esse deus tão forte e tão violento que os tinha dominado e escravizado.

E há apenas três anos, eu fui falar na Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados sobre Bíblia e Direitos Humanos e um pastor neo-pentecostal, deputado federal, tomou a palavra e disse que o Deus da Bíblia só respeita direitos humanos dos que estão do lado dele, mas manda matar cananeus e acabar com os infiéis.

Para nós, cristãos, Jesus é a imagem do Deus vivo, a parábola mais fiel de como é Deus. Jesus Cristo é a expressão que resume a afirmação central da nossa fé: Jesus é o Cristo. O nome é *Jesus* e sua função é ser *Cristo*, isto é, ser consagrado, ungido de Deus e salvador. Os Evangelhos reconhecem em Jesus de Nazaré o Cristo por excelência. A Bíblia tinha dado o título de “Cristo” a reis como Saul (1 Sm 24, 6), a Davi (1 Rs 16, 6), a Ciro, rei da Pérsia (Is 45, 1) e a todo o povo de Israel, saído do cativeiro da Babilônia

(Is 49, 1 – 6). Hoje, pessoas que ajudam o povo pobre a recuperar sua esperança de vida e libertação são sinais do amor salvador de Deus e merecem o título bíblico de “Cristo”. Mas, como na época em que os israelitas escravos voltaram do cativeiro da Babilônia, hoje também Deus chama de ungido e consagrado (Cristo), não somente a pessoas, mas a grupos e movimentos sociais. Chama vocês e eu para sermos testemunhas desta consagração. Jesus é o nosso modelo, nosso parâmetro. Martin Buber, filósofo judeu, tinha declarado: “A fé de Jesus de Nazaré une cristãos e judeus. A fé em Jesus nos divide”.

Mas, então, isso significa que nós temos uma fé diferente da fé de Jesus, nós que somos discípulos e discípulas dele? De fato, na minha Igreja eu vejo a todo momento um jeito de falar de Jesus, de orar para Jesus, de pensar o cristianismo como a religião de Jesus Cristo que o isola do Pai e faz dele uma divindade meio pagã. A tradição litúrgica sempre nos ensinou a orar ao Pai, pelo Filho na unidade do Espírito Santo. Mas, na prática, o pessoal dirige sua fé a Jesus de modo desligado da fé trinitária. Uma espiritualidade de cristãos adultos não pode ser apenas baseada em uma fé no Cristo de forma qualquer. O nosso modo de crer em Jesus deve ser, cada vez mais, assumir o próprio modo de Jesus ser e crer. Os evangelhos chamam isso: “seguir Jesus”, ou “permanecer em Jesus”. Crer em Jesus, crendo como Jesus. Crer como Jesus é, concretamente, o modo melhor de ser discípulos de Jesus como foram os apóstolos e se dispor a receber de Jesus as indicações de como ele crê no Pai e como nos propõe crer no Pai. “Quem diz que permanece com ele deve viver como ele viveu”(1 Jo 2, 6).

2.2 – Crer e viver como Jesus

O primeiro traço que descobrimos de como Jesus crê é exatamente a sua referência radical e permanente à intimidade com Deus a quem ele chama de “Paizinho” (abba), designação que, conforme os teólogos, tem conotação masculina e feminina. É o modo como a criancinha se abriga no pai ou mãe que lhe protege. Esta fé de Jesus o leva a nos comunicar como ele vê este Deus de quem ele é tão íntimo.

Qual é a imagem, o rosto de Deus que eu, por minha vida e meu modo de ser, manifesto? Todos estamos de acordo em responder que deve ser um Deus de amor e solidariedade, mas será que isso está de acordo com todo o conjunto da revelação bíblica, como a compreendemos e a interpretamos, com toda a doutrina e leis da Igreja e com o testemunho que damos ao mundo?

Jesus revelou um novo rosto de Deus. Fez isso através do seu modo de viver e de trabalhar. Seu discurso mais forte foi sua prática de solidariedade com os pequeninos e oprimidos. Como diz um prefácio de Missa: ele libertou as pessoas oprimidas, libertou quem estava aflito e curou quem sofria. Foi o seu primeiro modo de dizer: “Deus é amor!” Andou com gente de má vida e costumava comer com publicanas e pecadores. Foi sua forma de dizer: “Deus é amor”. Para dar testemunho do Reino que vem para todos, ele chamou discípulos e discípulas e formou com eles uma comunidade inclusiva que não

deixava ninguém de fora. Seus adversários tiveram menos dificuldade com suas palavras do que com o fato de que ele comia com pecadores e gente de má vida. E dizia que “há no céu mais alegria por um pecador que se converta do que por 99 justos que não precisam de arrependimento” (Lc 15, 1 ss). E aí Jesus escandalizou pessoas piedosas e rompeu com certos costumes religiosos.

Como, em nossa missão, revelamos que Deus é Amor?

Qual o rosto de Deus, revelado por um cristianismo intolerante e dogmático que queimava hereges e condenava cismáticos? Qual o rosto de Deus revela uma Igreja que fala de castigo do pecado e inferno? Qual o rosto de Deus, revelado por um cristianismo intolerante e dogmático que queimava hereges e condenava cismáticos? Qual o rosto de Deus revela uma Igreja que fala de castigo do pecado e inferno? Que imagem a hierarquia católica dá de Deus quando nega a possibilidade do pessoal jovem ameaçado pela Aids de usar preservativos ou impede os bispos da Alemanha a dar uma assistência pastoral a mulheres que abortaram? No prefácio do meu livro “O Espírito vem pelas Águas”, o bispo Sebastião Soares cita Simone Weil quando ela dizia: “eu reconheço quem é de Deus não quando me fala a respeito de Deus. Eu reconheço quem é de Deus na sua maneira de falar deste mundo”⁷.

Jesus é a grande parábola de Deus: vem para servir e não para ser servido (Mt 20, 28). Faz-se pequeno e quer depender de nós porque propõe o seu Reino, mas aceita que digamos sim ou não à sua proposta, sem sermos condenados nem excluídos da vida.

O Evangelho mostra Jesus, judeu e fiel à lei, freqüentando a sinagoga e o templo. Mas todas as vezes que é necessário mostrar que Deus é amor e vai além de todas as regras e convenções, ele diz: “Ouvistes o que foi dito aos antigos. Eu, porém, vos digo diferente...” (Mt 5). Jesus nos revelou que Deus se revela na Bíblia progressivamente. E só podemos entender bem a revelação bíblica se a entendermos assim: passo a passo. “Quando eu era menino, entendia as coisas como menino. Agora que sou adulto, devo receber os ensinamentos de adulto”(1 Cor 13) e falou isso se referindo ao amor. O que quer dizer isso? Que temos de superar certas imagens de Deus e testemunhar que Jesus falou de Deus como amor que faz nascer o sol sobre os justos e os injustos e manda a chuva tanto para os bons como para os maus. Um Deus que não castiga ninguém nem obriga ninguém a amá-lo sob pena de ir para o fogo eterno.

Deus é Alguém que diz: “Se alguém tem de morrer que seja eu”. Alguém que não se impõe e revela a presença de Deus no diferente e toma como modelo de fé o samaritano, a mulher estrangeira Cananéia e o oficial romano, pagão e ligado aos opressores do povo. Alguém que ainda na cruz, orou: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” (Lc 23).

Crer como Jesus, significa estar aberto a ver Deus no diferente e preferir de tal forma diminuir-se para servir ao outro que chega a dar a sua

⁷ - SEBASTIÃO ARMANDO SOARES, **Prefácio do livro “O Espírito vem pelas Águas”**, Ed. Cebi – Rede, 2002, p. 8.

própria vida. Mesmo nos Evangelhos e no Novo Testamento, a gente encontra sinais e testemunhos de uma cultura antiga. Jesus falou na linguagem do seu tempo. Mas, se quisermos, descobriremos uma nova imagem de Deus, energia de vida e de ternura para o universo. Assim, podemos rever vários elementos da missão que, hoje, merecem cuidado especial. Se queremos “crer como Jesus”, devemos rever o modo de falar da criação e de tratar a natureza, como revelação de Deus. E também prestar atenção à progressão da revelação de Deus na Bíblia e no próprio Evangelho.

2.3 – Missão para que modelo de Igreja?

O nosso modo de ser Igreja e de organizar a Igreja depende totalmente da visão que temos e testemunhamos de Deus. Quando os cristãos compreendiam Deus como o Rei dos Reis, organizaram a Igreja como o correspondente religioso ao Império. Foi o que chamamos de “Igreja cristandade”. Quando a Igreja concebe a Deus como Pai revelado em Jesus servidor, se faz comunidade pobre e servidora. Em 1968, os bispos latino-americanos da Igreja Católica, na conclusão da Conferencia de Medellin, afirmaram: “Que se apresente cada vez mais nítido, na América Latina, o rosto de uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo o poder temporal e corajosamente comprometida na libertação de todo o ser humano e de toda a humanidade” (Medellin. 5, 15 a).

O documento de base para o 2º Encontro Nacional de Catequese, promovido pela Igreja Católica no Brasil, em outubro de 2001, pergunta “que Igreja queremos?” E propõe uma Igreja toda ministerial, isto é, que seja serviço ao povo, uma Igreja plenamente participativa, ecumênica, missionária e solidária. E, como conclusão de todas estas características que se interpenetram e se misturam, propõe: “o rosto de uma Igreja espiritual e mística (n. 82)⁸.

Quando a gente pensa “Igreja espiritual e mística” pode imaginar algo extraordinário e de gente muito “santa” no sentido que o povo dá a este termo. Não é o caso. Uma Igreja é “espiritual e mística” quando, crendo como Jesus e vivendo como Jesus viveu, se deixa interpelar pela Palavra de Deus, quando teima em viver cotidianamente o louvor e a solidariedade em nome de Jesus e serve como referência de busca espiritual para as pessoas.

Uma Igreja espiritual é aquela que procura, ao máximo, parecer-se com Jesus. E como uma Igreja pode parecer-se com Jesus? Não será fisicamente. Será assumindo o princípio condutor da vida de Jesus: o que Jon Sobrino chama “Princípio Misericórdia”, título de um de seus mais belos livros e que propõe não a misericórdia ou compaixão, apenas como prática quantitativa, tarefa a cumprir, mas como princípio que norteia a vida e permeia tudo o que a gente é e faz⁹.

Se fosse necessário resumir esta segunda parte (julgar), eu recordaria uma palavra do padre Comblin em uma conversa enquanto tomávamos café no recente encontro de teólogos brasileiros. Ele me contava

⁸ - ESTUDOS DA CNBB, **Com adultos, catequese adulta**, Coleção Estudos da CNBB, n. 80, Paulus, 2001, p. 49- 52.

⁹ - JON SOBRINO, **Princípio Misericórdia**, Ed. Vozes, 1985.

que, uma vez disseram a Chesterton, o grande intelectual da Igreja Católica na Inglaterra do início do século XX: "O cristianismo fracassou!" Chesterton respondeu: "Também ele nunca foi experimentado".

3 – Algumas pistas para continuar o caminho

Esta terceira parte cabe muito mais a vocês, participantes do encontro e que trazem as mais lindas e profundas experiências que estão sendo realizadas na Igreja Episcopal no Brasil. Eu vou apenas indicar algumas pistas para serem discutidas e aprofundadas.

3.1 – Reinventar um cristianismo do Espírito, hoje.

A expressão "cristianismo do Espírito" é como dizer "roda redonda". Todo cristianismo deveria ser o que São João chama "uma vida conduzida pelo Espírito". O problema é que, no momento atual, as Igrejas cristãs aparecem ao mundo como sendo de dois tipos: as históricas que privilegiam as estruturas e tradições e têm a mais profunda dificuldade de se renovarem verdadeiramente. E as chamadas "pentecostais" que começaram sendo grupos de cultura negra que conquistaram uma igualdade de participação eclesial e social, mas, hoje, também, em sua maioria, também acabam privilegiando as estruturas e leis e dão a impressão de querer aprisionar Deus e o Espírito na gaiola da Igreja. Às vezes, são mais tradicionalistas e menos verdadeiramente pentecostais no sentido de "testemunhas da liberdade do Espírito" do que algumas históricas. E aí o mundo continua esperando uma Igreja verdadeiramente pentecostal, isto é, livre no Espírito Santo e libertadora. "Onde está o Espírito do Senhor, aí existirá liberdade" (2 Cor 3, 17).

Para nos colocar mais neste caminho de Igreja do Espírito, certamente, um primeiro passo é perguntar: Para que a Igreja é necessária se Deus nos salva de graça e se todos são salvos e amados por Deus? A primeira resposta que eu tenho é a de que a Igreja é a comunidade que me acolhe para que eu viva e aprofunde sempre mais a minha conversão que sendo "*conversão*" se realiza sempre junto com a de vocês, meus irmãos e irmãs. Assim sendo, a Igreja é a comunidade na qual escutamos a Palavra de Deus que nos converte. Escutamos da Bíblia, mas antes de tudo, a escutamos uns dos outros. Bonhoeffer dizia que a finalidade pela qual nos colocamos em comunidade é que Deus dá a Palavra dele a um para o outro. Não a dá a mim para mim, mas para você e a dá a você para mim. Ora, se é assim, a missão deveria preocupar-se mais com a evangelicidade da Igreja ou como dizia Francisco de Assis, com o evangelismo do que com a evangelização. Como evangelizar os outros se nós mesmos não formos permanentemente tocados e transformados pelo Evangelho? E será que somos? Como nos capacitar mais para fazer isso que foi dito agora, uns ajudar mais os outros no caminho da conversão e como tornar sempre mais evangélicas as estruturas de nossas comunidades e de nossas relações?

3. 2 – Do eclesiocentrismo para o reino da vida

Já vimos que um erro da missão cristã no passado foi o eclesiocentrismo. Uma heresia muito espalhada por aí e pouco percebida. Sem dúvida, se cada um de nós e como comunidades, temos de nos converter, a missão também precisa de se converter. E a principal ou ao menos primeira conversão evangélica da missão é renunciar ao eclesiocentrismo. É preciso ter sempre claro que o objetivo da missão é o Reino. Só o Reino é absoluto. Tudo o mais é relativo. Neste sentido, muitos teólogos falam, hoje, em reinocentrismo e, na Igreja Católica, Ratzinger e o Vaticano reagem. Eu preferiria dizer, se existisse o termo, "vidacentrismo". O centro de tudo é a vida e a vida do outro, especialmente das pessoas que têm sua vida, de alguma forma, ameaçada ou diminuída. Isso é o que caracteriza a missão evangélica: testemunhar a vida como dom de Deus e defender a vida: vida do povo oprimido, vida das pessoas marginalizadas, vida das culturas autóctones, vida do cosmos, da natureza (ecologia), vida para qual é necessária a paz e a justiça entre as nações. E aí é que entra o compromisso da missão com este tema tão bem descrito pelo Conselho Mundial de Igrejas: "Paz, Justiça e Integridade da Criação".

Hoje, tem se desenvolvido no mundo inteiro e principalmente em ambientes cristãos, uma verdadeira mística, uma profunda espiritualidade ecológica e da Paz, da não-violência. Essa espiritualidade aparece em todas as ações da Igreja, nas pregações, cânticos da liturgia, relações humanas e na ação eclesial. Infelizmente, não percebo que essa mística tenha já entrado e penetrado nossas comunidades aqui na América Latina.

3.3 – Uma missão baseada no Diálogo

Se a missão é testemunho de Deus Amor, ela só pode ser realizada a partir do Diálogo. Aliás, há quase 50 anos, os documentos cristãos já afirmam: "foi Deus quem começou o diálogo" e o atual papa gosta de dizer: "O diálogo é um ato divino". Quando a gente dialoga, age como Deus age.

Dialogar é entrar no logos do outro, isto é, no discurso, na lógica do outro. É perceber que a verdade não é propriedade de ninguém. É um processo, uma descoberta que só podemos juntos e dependendo uns dos outros.

Antigamente, a Missão podia ser vivida no contexto de um mundo que parecia cristão. As outras religiões ou não existiam ou não tinham sentido. Eram consideradas superstições e erros. Hoje, a missão tem de revelar o Reino de Deus presente nos mais diversos caminhos religiosos. Hoje, somos chamados a descobrir a Deus se revelando nas mais diversas culturas e religiões. Em um mundo pluralista como o nosso, o pluralismo religioso é um fato e atualmente aparece nos meios de comunicação e em todos os momentos da vida. Alguns poderão julgar negativo. Nós vemos como um fato positivo, uma graça de Deus. "O que o Espírito diz, hoje, às Igrejas" é o título de um importante documento da Federação dos Bispos da Ásia em 1999. Este documento diz: "Temos certeza da universalidade da graça de Deus. Deus se dá e sobre isso, nós, seres humanos, não podemos ter nenhum controle. Para nós, Cristo é o pólo, o eixo universal do diálogo de Deus com a humanidade.

Por isso, devemos conhecer o que Deus disse e continua a dizer de mil maneiras. Consagrar-se a isso com toda a nossa atenção é uma forma de prestar homenagem à graça divina. Podemos compreender as religiões como respostas ao encontro com o mistério divino”¹⁰.

A consequência disso para a missão é a exigência de levarmos a sério e entrarmos para valer no diálogo inter-cultural e inter-religioso. Até a opção pelos pobres está exigindo isso. Hoje, os pobres se expressam não só como excluídos sociais, mas como ligados às mais diferentes religiões e grupos espirituais. E às vezes, têm sido usados por certos grupos religiosos, tanto no plano econômico, como em outros casos, como massa fanática para suicidar-se ou matar pessoas em nome de Deus. Paul Knitter, um dos teólogos do Pluralismo Religioso, insiste na necessidade de um diálogo entre os teólogos da libertação e os do pluralismo religioso, a serviço da paz e da justiça no mundo¹¹.

São muitos os desafios e também muitas as chances e graças que temos neste tempo novo. Como diz em um de seus poemas, Dom Pedro Casaldáliga: "saber esperar / sabendo, ao mesmo tempo forçar / a hora daquela urgência / que não permite esperar.

¹⁰ - Cf. Adista, 11/ 01/ 99, p. 5- 10.

¹¹ - PAUL KNITTER, **The Myth of Christian Uniqueness. Toward a Pluralistic Theology of Religions**, Maryknoll, New York 1998, pág. 178-200.